
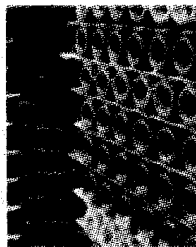


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 16670
Título: Investimento – O cada vez maior valor dos vinhos					Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 1.4
2006/09/04	JORNAL DE NEGOCIOS – PRINCIPAL	Pág.17	Imagem: 1/3		Periodicidade: Diária	Inv.: 5375.00

INVESTIMENTO
**O cada vez
maior valor
dos vinhos**
Páginas 20 e 21



Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 16670
Título: Investimento – O cada vez maior valor dos vinhos					Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 1.4
2006/09/04	JORNAL DE NEGOCIOS – PRINCIPAL	Pág.20	Imagem: 2/3		Periodicidade: Diária	Inv.: n.a.

os melhores investimentos do mundo

PEREGRINO SANTA CLARA/JOSÉ VEGAR

Os bens culturais deixaram de ser um investimento de elite. Pelo contrário, são actualmente activos acessíveis e disputados em mercados competitivos de todo o mundo. No entanto, ao contrário dos produtos financeiros, a informação sobre este tipo de bens continua a estar encerrada num círculo restrito de conhecedores. Mensalmente, o “JdeN” irá contrariar esta tendência, revelando a informação privilegiada de um verdadeiro “insider”*, que, finalmente, acedeu a partilhar o que sabe. Ao investimento em vinhos, seguir-se-ão, nos próximos meses, fotografia, cartazes, brinquedos, mapas, hardware vintage e álbuns musicais em vinil.

07. Vinhos

Valor Global

Não é segredo para aqueles que me estão mais próximo que me domina uma enorme ansiedade desde Abril último. Os rumores surgiram logo em Março, mas só em Abril a coluna autoritária do Parker foi definitiva: A colheita de Bordéus de 2005 pode ser uma das melhores de toda a história do vinho. Parker arrisca mesmo em escrever que pode ser “a” melhor. Infelizmente, não sou o único a estar ansioso. Aliás, para escrever a verdade, o frenesim instalou-se um pouco por todo o mundo, graças a esta terrível mania da informação instantânea e democrática.

Passo a explicar o que está em jogo. Quando falamos de vinho no mercado de investimento global, falamos dos produtores de Bordéus e da Borgonha, liderados por 10 a 15 “châteaux” consagrados, dos quais alguns míticos são os de Lafite, Cheval Blanc, Latour, Margaux, Petrus, Haut-Brion e Mouton. Do mesmo modo, quando falamos destes produtores, estamos a falar de preços por caixa que em 2003 e 2004 atingiram os milhares de euros, e que, especula-se, podem sofrer um “update” na colheita de 2005 de 100 a 300 por cento.



Tema: Sector Vitivinícola				Âmbito: Nacional		Tiragem: 16670
Título: Investimento – O cada vez maior valor dos vinhos				Temática: Gestão/Economia/Negócios		GRP: 1.4
2006/09/04	JORNAL DE NEGOCIOS – PRINCIPAL	Pág.21	Imagem: 3/3	Periodicidade: Diária		Inv.: n.a.

➤ Pontos Pesquisa

- Sítios especializados da internet
- Lojas de vinhos
- Revistas
- Livros
- Produtores/Embalagens

➤ Pontos - Chave

- Origem da produção
- Prestígio do produtor
- Qualidade da colheita
- Garantia de armazenamento

➤ Rendibilidades e Preços

- 5 a 30 por cento anuais (desde 1998)
- 30 a 6 mil euros (por garrafa)

A equação é muito simples: estes preços altíssimos podem ser uma ninharia, porque daqui a um ano o activo em causa vai hipervalorizar, ou constituir um terrível mau investimento, dado que o mesmo mercado, no mesmo espaço de tempo, não lhe dará valor, como aconteceu em 2003, com uma colheita que estava nas mesmas condições que a actual, em termos de oferta e procura, embora num nível inferior de qualidade, a acreditar nos críticos.

A terrível verdade é que o "tsunami" de informação especializada instalado desde Abril nos computadores dos amantes de vinho e dos investidores não fornece uma única pista sólida para a resolução da maldita equação, que também a mim domina.

Claro que, à semelhança dos meus pares um pouco por todo o lado, tenho comunicado semanalmente com o meu contacto em Londres, e continua em aberto a possibilidade de adquirir a quantidade que desejo, e que não revelo por uma questão de discrição.

Mas a verdade é que não consigo tomar uma decisão. Nos melhores momentos destes cinco meses de tormento, tenho pensado que o dilema "Bordéus 2005" é um sintoma de que o vinho se transformou num activo institucional. Começou por ser, a meio dos anos 80, uma gruta de Ali-babá infinita, à custa das enormes reservas dos produtores franceses, e da procura enlouquecida dos milionários da bolsa americanos. Permitted lucros fabulosos aos proprietários por mero acaso dos activos, nos quais me incluía, modestamente, por vezes na ordem dos 400 a 500 por cento. Segundo a Premier Cru, uma empresa inglesa de investimentos em vinho, um portfólio sólido ad-

quirido em 1974 por 12,5 mil euros, rendeu em 2004 mais de 1,75 milhões de euros.

Depois, nos anos 90, caminhou para a vertigem, devido à especulação, rebentando com grande estrondo em 1997, muito por culpa da procura alucinada, mas desta vez dos asiáticos. Na altura, julguei que estava tudo terminado.

Mas o prestígio cultural e social do vinho manteve a atracção pelo activo. A partir de 1998, o mercado assentou, reduzindo as grandes margens de valor, mas impedindo simultaneamente as grandes tempestades.

*Nota ao leitor:

Peregrino Santa Clara tem um percurso relativamente raro para um cidadão português. Filho de um almirante português e de uma inglesa pertencente a uma das famílias mais poderosas da "City" londrina, Peregrino iniciou os seus estudos superiores em Oxford, a que se seguiu um mestrado em finanças em Harvard. No início dos anos 60, com pouco mais de 20 anos, foi contratado por uma casa de investimentos de Wall Street, como director de pesquisa. Poucos anos depois, passou a "partner", responsável pela Europa. A sua actividade obrigou-o a estadias constantes em Londres, Zurique, Paris e Milão, para além do Luxemburgo. As deslocações profissionais permitiram-lhe aprofundar um prazer de família: a investigação e o investimento em bens culturais.

Hoje, no ocaso da sua vida, Peregrino decidiu quebrar o seu valor mais precioso, o da discrição total, e partilhar com os leitores do "JN" os conhecimentos que adquiriu. Os textos são escritos na primeira pessoa para melhor reprodução de um olhar singular sobre os mundos a que só os iniciados têm acesso. José Vigar

A tranquilidade relativa permitiu a profissionalização, à qual reconheço importância. Hoje, não é possível fazer circular informação viciada sobre o produto, na maior parte dos casos, e nenhuma garrafa tem valor se não estiver acompanhada de um certificado de engarrafamento e conservação emitido por uma entidade independente. A juntar a isto, é possível contratar os serviços de um corpo de especialistas verdadeiramente profissionais, tanto no produto, como nas estratégias de investimento que o têm como objecto.

Por outro lado, nos meus piores momentos destes cinco meses de tormento, gostaria de regressar ao fim dos anos 70. Em algumas paragens da velha Europa, incluindo o empedernido Douro, o vinho era apenas a expressão de um povo e uma prova de grandeza da natureza. Obter umas garrafas das produções de eleição obrigava simplesmente a alguma concentração nos círculos de iniciados, e a uma viagem ao produtor.

Tenho agora muito pouco tempo para tomar uma decisão, segundo me informou o meu especialista há escassas horas atrás. Verdadeiramente, tenho que escolher entre participar com um investimento avultado no anel cimeiro do mercado, sujeitando-me ainda este ano à sua reacção emocional, igual à de qualquer outro mercado, ou reservar a quantia destinada para uma aposta de longo prazo. Refiro-me à que pode ser feita em produtores ainda não consagrados neste anel cimeiro – como os do Douro, do Priorat, em Espanha, ou de certas regiões chilenas e argentinas – que seguramente serão eleitos quando se manifestar o cansaço da procura pelos líderes actuais. Na altura correcta, indicarei ao leitor a minha decisão.

Colheita

O "site" de Robert Parker, em www.erobertparker.com, é prioritário, porque é ele que dita o mercado. Assim sendo, Parker garante o privilégio contínuo de possuir sempre informação atempada e completa sobre os grandes vinhos de todo o mundo, e sobre a qualidade das colheitas. A crónica de Jancis Robinson, ao sábado no "Financial Times", ou em www.jancisrobinson.com, e a "Wine Spectator", em formato revista, ou em www.winespectator.com, são monitorizadas com enorme atenção.

A nível de informação nacional, o universo é relativamente restrito, mas todos os principais jornais possuem rubricas sobre o tema, e os guias anuais de vinhos de João Afonso, editado pela Cotovia, e de João Paulo Martins, editado pela Dom Quixote, são bastante profissionais. Neste sector, o "site" www.os5as8.com, dinamizado por cinco peritos em vinhos e gastronomia, tem informação importante.

Os guias, especialmente os internacionais, são preciosos para a avaliação dos vinhos onde vale a pena investir numa fase inicial. Normalmente, vinhos pontuados a partir de 90 pontos, na escala de 50 a 100, ou a partir de 18, naqueles que usam a escala de 10 a 20, são potenciais bons investimentos.

Para um início de pesquisa a um nível alto, que possa mais tarde resultar num investimento sério, os peritos recomendam um manual: "Wine Investment for Portfolio Diversification: How Collecting Fine Wines Can Yield Greater Returns Than Stocks and Bonds", da autoria de Mahesh Kumar. As cotações dos vinhos mais valiosos estão expressas num índice exclusivo, em www.liv-ex.com.

Prova

Como em muitos outros sectores de negócio, a internet revolucionou o mercado. Hoje os principais comerciantes e produtores de vinho têm presença no mundo virtual, e é possível obter conselho e adquirir através deste meio.

O líder, perfeitamente eficiente e seguro, segundo os especialistas, com entregas em qualquer ponto do território nacional, é a empresa francesa Millesima, acessível em www.millesima.pt.

Os ingleses, apesar de não produzirem, são dos mais conceituados em vendas e investimento em vinhos, a nível mundial. As empresas Berry Bros&Rudd (www.bbr.com) e Lay&Wheeler Group (www.laywheeler.com), entre outras, apresentam reputações intocáveis.

O mercado continua a ser dominado pelos vinhos das regiões francesas de Bordéus e Borgonha, seguidos por alguns italianos, californianos, australianos, espanhóis, sul-africanos, chilenos e argentinos. Convém lembrar que aqui estamos já a investir na primeira liga mundial, e que os preços começam nas centenas de euros.

No mercado nacional, uma das grandes originalidades é a de que ainda é possível comprar directamente ao produtor, o que permite economizar, até porque, no mercado nacional, os vinhos encarecem semanas após a sua entrada no mercado. As regiões de topo são as do Douro, Dão e Alentejo.

Em termos de lojas de vinhos, a oferta disparou nos últimos três anos. A escolha deve ser pessoal, dados que as relações privilegiadas entre cliente e comerciante são fundamentais num mercado onde a oferta de topo é sempre limitada. Online, o Winept (www.winept.com) exhibe uma selecção tão boa ou superior à concorrência com presença física.

Guarda

O investimento em vinho de qualidade por motivos unicamente financeiros é relativamente recente, tem menos de 10 anos.

Hoje, dado que o mercado está quase totalmente profissionalizado, as grandes polémicas instalaram-se, à volta da especulação dos preços e dos cálculos de rentabilidade.

Há um ponto em que todos concordam: investir em vinhos é investir nos vinhos franceses de Bordéus e Borgonha, num total de 75 rútilos conceituados, e 500 mil garrafas de grande valor num bom ano.

A partir daqui, tudo é polémico. A compra em futuros, ou "en primeur", como se diz no meio, tem sido muito praticada, mas tem igualmente provocado grandes dissabores, porque os preços exigidos pelos produtores acabam, meses depois, por ser desfeitos pelo mercado, anulando ou adiando durante anos a rentabilidade esperada.

Basicamente, existem dois meios de investir. Ou por compra directa, através de um comerciante profissional, e como já referi o mercado é dominado por ingleses e franceses, ou através de uma aquisição em fundos, maioritariamente geridos por empresas americanas e inglesas, com regras semelhantes aos dos activos financeiros.

O problema está em acertar na escolha. Em relação aos comerciantes, uma avalanche recente de relatórios negativos, obrigou-os a aprovarem um código de conduta. No que concerne os fundos, vários, especialmente os em "off-shore", fecharam, devido a más performances extremas, mas outros conseguiram, nos últimos três anos, rentabilidades entre os 13 e os 43 por cento.

O único conselho possível é o de investir apenas quando a confiança na informação for muito alta.